
RESENHAS / REVIEWS

SOTO, Hernando. **O mistério do capital**. Tradução de Zaida Maldonado. Rio de Janeiro: Record. 2001.

Taisa Vieira Scripes *

O capitalismo está em crise fora do ocidente porque as nações em desenvolvimento não tem sido capazes de “globalizar” o capital dentro de seus próprios países. E isso faz parecer que o capitalismo é um clube privado, que beneficia somente elites que vivem dentro de redomas de vidro.

Em especial, segundo o autor, a América Latina se mostrou fracassada ao tentar fazer parte do capitalismo. Isso porque, apesar dos países da América Latina consumirem toda sorte de mercadorias, eles nunca conseguiram produzir suficientemente capital vivo. O livro cita que apenas 25 dos 250 países do mundo produzem capital suficiente para se beneficiar por completo da divisão de trabalho nos mercados globais. Desse modo, o autor afirma que o sangue vital do capitalismo não é a internet ou as franquias de *fast-food*, é o capital.

Para que o resto dos países conquistem o que o capitalismo pode oferecer de bom é necessário que se criem sólidas fundações para a propriedade formal, ou seja, que a propriedade formal não esteja distante bem como que a lei que a garanta possa ser entendida pela população. Isso porque a lei discrimina a população mais pobre o que ocasiona que tal classe social viva a margem da lei, impossibilitando a integração dos ativos, bem como que apareçam os benefícios do capitalismo.

Logo, o problema não é a globalização, na verdade, o autor afirma os efeitos da globalização são bons, o que não é tão bom assim, é que a globalização pressupõem que as populações desses países já estejam integradas no sistema legal e possuam a mesma capacidade de utilizar recursos na economia aberta. Porém, nada disso acontece porque a maioria da população dos países pobres não tem acesso a um sistema legal de direitos de

* Mestranda em Direito Negocial na Universidade Estadual de Londrina. E-mail: taisavs@gmail.com

propriedade que represente seus ativos, em outras palavras, as favelas são um exemplo de ativo morto vez que não são rastreados pela burocracia de propriedade.

Outro problema que impede que os países em desenvolvimento alcancem os benefícios do capitalismo ocorre na medida em que os políticos não percebem que após conseguirem estabilizar e ajustar a economia em nível macro é necessário se voltar para as pessoas, em especial, a classe mais pobre, vez que são elas que são os agentes fundamentais da mudança. Vale dizer, os reformadores econômicos deixaram a questão da propriedade dos pobres nas mãos da classe dirigente legal sem interesses por modificarem o *status quo*.

O livro afirma que Marx estava certo ao prever que a grande contradição do sistema capitalista é que este cria sua própria morte porque não pode evitar concentrar o capital em poucas mãos. Contudo, Marx, à sua época não era capaz de entender os benefícios que a propriedade privada pode gerar, em outras palavras, Marx não compreendeu por completo que a propriedade legal é o processo indispensável que fixa e dispõe capital, que sem a propriedade a humanidade não pode converter os frutos de seu trabalho em formas fungíveis e líquidas que podem ser diferenciadas, combinadas, divididas e investidas para produzirem mais-valia. Marx não se deu conta ainda, de que um bom sistema legal de propriedade, como um canivete suíço, possui mais mecanismos do que apenas a lâmina da posse.

Segundo Soto, a propriedade formal é mais do que a mera posse. A propriedade formal precisa ser considerada como o processo indispensável que fornece às pessoas os instrumentos com os quais será possível concentrar os seus pensamentos naqueles aspectos de seus recursos dos quais podem extrair capital, vale dizer, é preciso transformar a capacidade virtual de capital da propriedade em algo tangível para as pessoas, para que então os detentores da propriedade possam utilizar o capital escondido na propriedade.

E por que a propriedade deve ser acessível? Para trazer a todos um único contrato social onde possam cooperar para aumentar a produtividade da sociedade. Nesse sentido, para permitir o acesso à propriedade à todos é preciso de um bom sistema de leis sobre a propriedade privada que permi-

ta que as pessoas se compreendam, que haja relações e que seja possível sintetizar o conhecimento sobre nossos ativos para aumentar nossa produtividade.

O autor finaliza esse tópico defendendo que a propriedade formal é uma coisa extraordinária, muito maior que a posse. Que o homem, um animal fisicamente mais fraco usou sua mente para criar um ambiente legal - a propriedade – para proteger seu território.

Os críticos do capitalismo afirmam que o aspecto virtual do capitalismo é altamente excludente e explorador. Isso porque o capitalismo invadiu tanto o espaço físico quanto o virtual, confiscou riqueza como nunca antes, tirou-a do alcance das pessoas escondendo-a na forma de símbolos. E esses símbolos foram criados para explicar a linguagem virtual do capitalismo, vale dizer, com as representações menos palpáveis e mais virtuais, as pessoas estão compreensivelmente mais céticas. Novas formas derivadas da propriedade (tais como as garantias apoiadas em hipotecas) podem auxiliar na formação do capital adicional, mas também tornam a compreensão da vida econômica mais complexa. Assim as pessoas tendem a ficar mais à vontade com a imagem dos nobres e seus trabalhadores latino americanos, arando seus campos ou operando suas máquinas do que com capitalistas girando e transacionando títulos, ações e bônus na realidade virtual dos computadores.

Nesse caso, defende Soto que o sistema de representação virtual do capitalismo seja simplificado e tornado mais transparente para que as pessoas possam compreender. Se isso não ocorrer o apartheid legal persistirá e as ferramentas de criação de riqueza permanecerão nas mãos daqueles que vivem no lado de dentro da redoma de vidro.

Para o autor o êxito do capitalismo, ao contrário do que afirmam, não advém da cultura, mas sim da diferença entre o sistema de direito de propriedade de cada nação que torna possível criar capital para todos. Soto usa como exemplo Bill Gates, o bem sucedido empresário jamais teria o sucesso que tem sem os sistemas de direito de propriedade firmado em um sólido e bem integrado contrato social. Ou seja, antes de se dizer que o capitalismo dá certo em apenas algumas culturas e outras não, Hernandes Soto defende que antes deveria ver o que acontece quando os países em desenvolvimento es-

tabelecerem sistemas de direitos de propriedade que possam criar capital para todos.

O texto ressalta ainda que muito do comportamento de hoje atribuído à herança cultural não é o resultado inevitável de traços étnicos ou idiossincráticos, mas de avaliações racionais dos custos e benefícios relativos de se entrar no sistema legal de propriedade.

Conclui o autor que um dia esses argumentos culturais despencarão quando a dura evidência dos efeitos de boas instituições políticas e leis de propriedade forem absorvidas.

No último tópico do capítulo o autor afirma que o capitalismo é o único jogo disponível e que fornece instrumentos necessários para a criação de uma maciça mais-valia. Contudo, o capitalismo precisa de um novo conjunto de compromissos que permitam retirar as redomas e liquidar o *apartheid* de propriedade, trançando para tanto 6 situações que os governos devem aceitar: 1. A situação e o potencial dos pobres precisam ser mais bem documentados; 2. Todas as pessoas são capazes de poupar; 3. O que falta aos pobres são sistemas legalmente integrados de propriedade que possam converter seus trabalhos e poupanças em capital; 4. A desobediência civil e as máfias de hoje não são fenômenos marginais, e resultado da marcha de bilhões de pessoas provenientes de uma vida organizada em pequena escala em direção a outra de grande escala; 5. Neste contexto, os pobres não são o problema, e sim a solução; 6. A implementação de um sistema de propriedade que gere capital é um desafio político, pois envolve entrar em contato com as pessoas, compreender o contrato social e rever o sistema legal.

Resenha recebida em: 26/11/2013

Aprovado para publicação em: 27/03/2014

Como citar: SCRIPES, Taisa Vieira. Resenha: SOTO, Hernando. **O mistério do capital**. Tradução de Zaida Maldonado. Rio de Janeiro: Record. 2001. Revista do Direito Público. Londrina, v.9, n.1, p.245-248, jan./abr.2014. DOI: 10.5433/1980-511X.2014v9n1p245.